

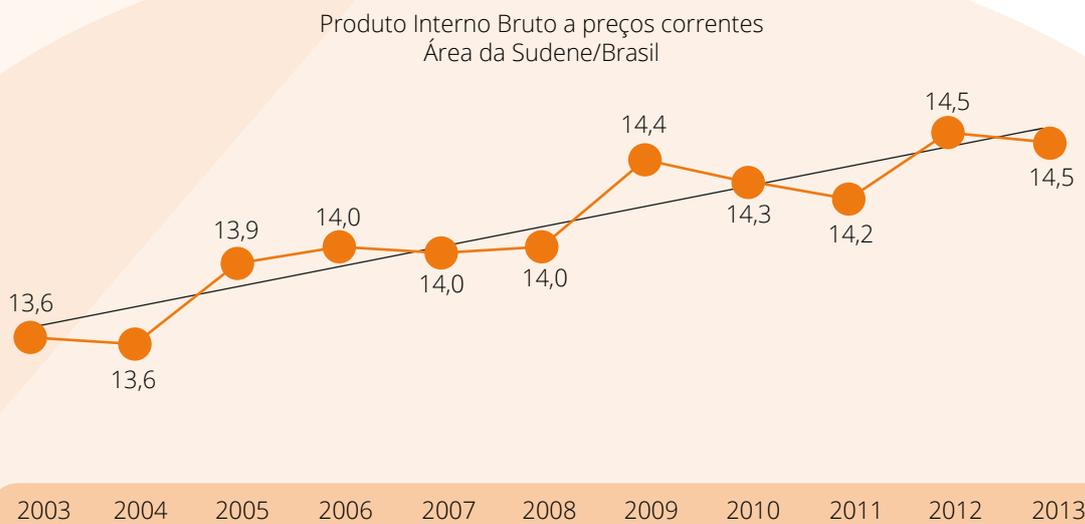


## PRODUTO INTERNO BRUTO REGIONAL 2003 - 2013

É missão da Sudene trabalhar para potencializar a dinâmica econômica de sua área de atuação. Contudo, a região enfrenta desafios que impedem um desenvolvimento mais acelerado e sustentável de suas vocações econômicas. Este boletim avalia o desempenho dos estados da área de atuação da Sudene, considerando o Produto Interno Bruto Regional entre 2003 e 2013.

### ÁREA DE ATUAÇÃO DA SUDENE

Em 2013, a área da SUDENE – 1.794 municípios da Região Nordeste mais 168 municípios de MG e 28 municípios do ES - respondeu por 14,5% da produção nacional de bens e serviços. Em 2003, esse percentual foi de 13,6%, indicando um incremento de participação de 6,6% no período.

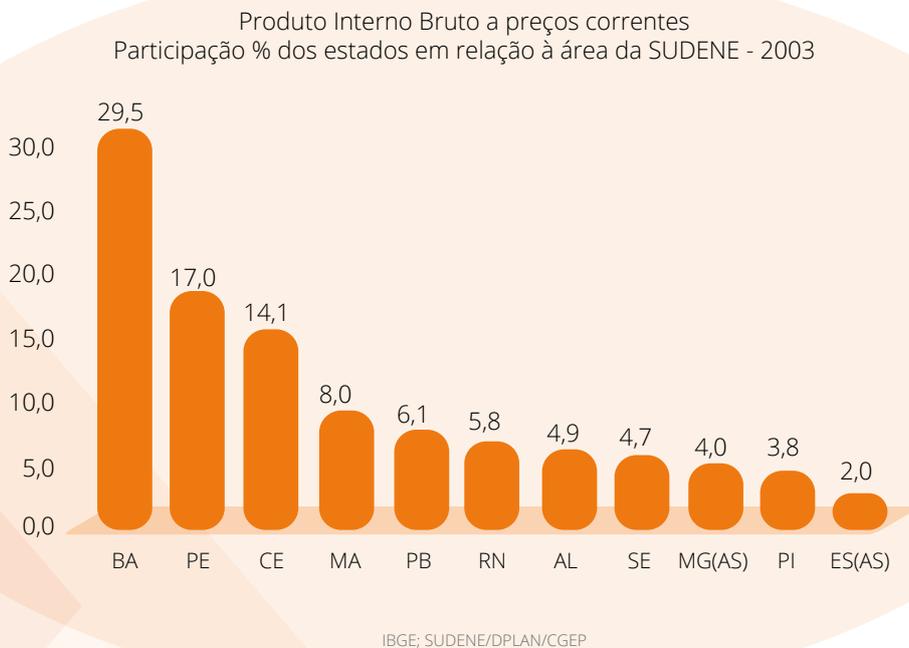


IBGE; SUDENE/DPLAN/CGEP

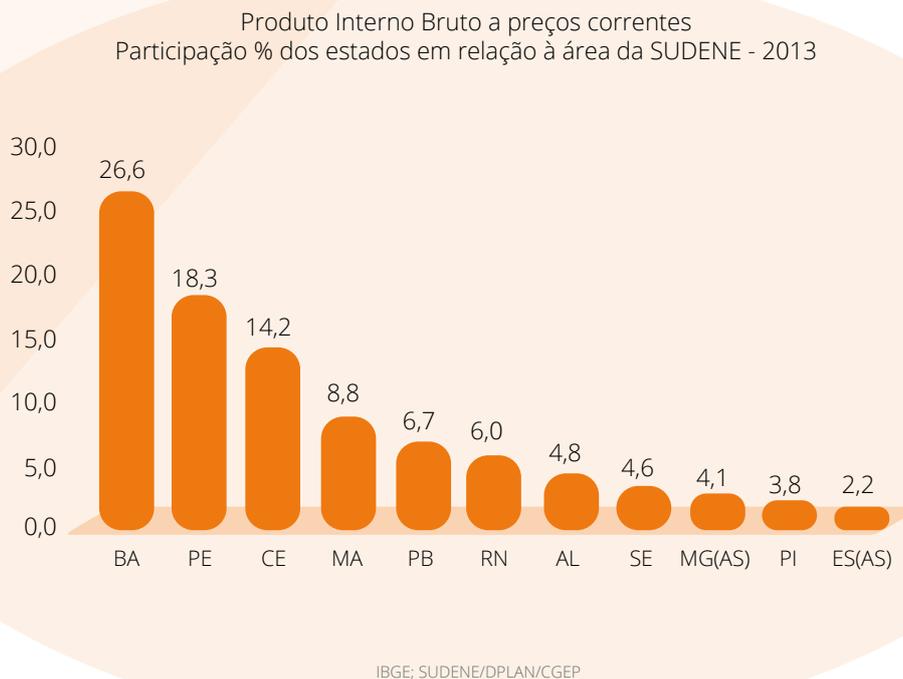


As três principais economias da área da SUDENE, Bahia, Pernambuco e Ceará respondem por mais da metade desse espaço geográfico.

Em 2003, estas economias participaram com 61%. É interessante observar que a Bahia sozinha respondia por cerca de 30% da produção regional.



Em 2013, os três estados foram responsáveis por 59% da produção da área.



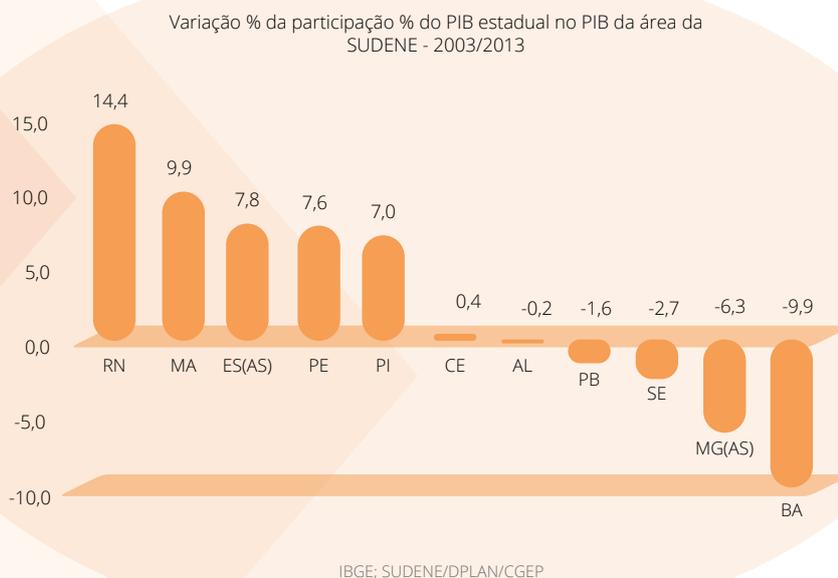
Apesar da importância relativa mantida pelo trio ao longo do tempo, é perceptível o espriamento dessa representatividade pelos demais estados da região.

Nesse sentido, identifica-se um ganho de participação das economias relativamente menores em substituição às economias maiores.

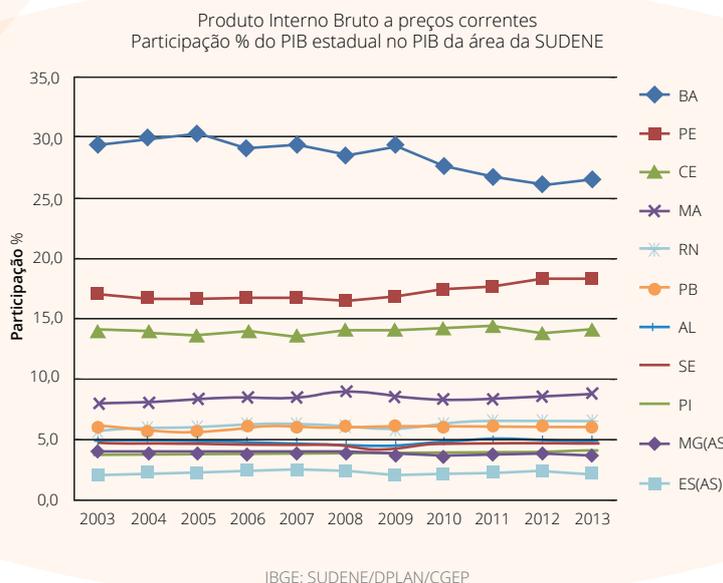
O Rio Grande do Norte acumulou o maior ganho (14,4%), seguido pelo Maranhão, com 9,9%; Área da SUDENE do Espírito Santo, com 7,8%; Pernambuco, com 7,6%; Piauí, com 7,0%; e Ceará, com 0,4%.

A Bahia foi o estado que cedeu mais participação (-9,9%), seguida pela Área da SUDENE de Minas Gerais, com -6,3%; Sergipe, com -2,7%; Paraíba, com -1,6%; Alagoas, com -0,2%.

A alteração verificada na estrutura de produção ao longo do período de análise pode ser observada no gráfico a seguir.



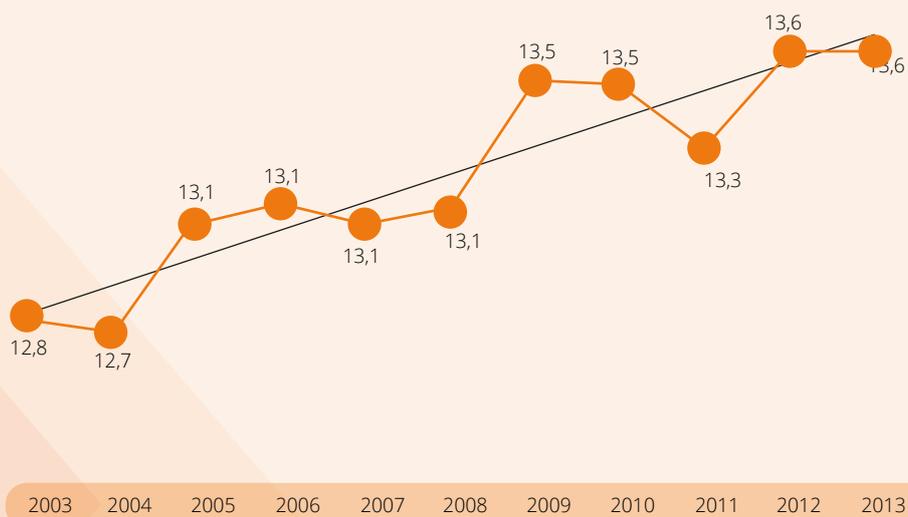
O gráfico abaixo retrata melhor o processo de convergência intrarregional.



## REGIÃO NORDESTE

Focando a análise no Nordeste, seus nove Estados, em 2013, produziram 13,6% dos bens e serviços nacionais. Em 2003, essa participação foi de 12,8%, indicando um incremento de participação de 6,2%, no período.

Produto Interno Bruto a preços correntes  
Região Nordeste/Brasil



IBGE; SUDENE/DPLAN/CGEP

Em 2013, os Estados da Bahia, de Pernambuco e do Ceará responderam por 62,9% do total produzido no Nordeste.

Produto Interno Bruto a preços correntes  
Participação % dos estados em relação ao Nordeste - 2013



IBGE; SUDENE/DPLAN/CGEP



Em 2003, esses estados em conjunto respondiam por quase 2/3 (64,5%) do PIB regional. Somente a Bahia participou com por 31,4%.

Produto Interno Bruto a preços correntes  
Participação % dos estados em relação ao Nordeste - 2013



IBGE; SUDENE/DPLAN/CGEP

Uma vez que a Região Nordeste é parte da área da SUDENE, o processo de convergência identificado no segundo espaço geográfico se repete também no primeiro.

Seguindo a tendência, o Rio Grande do Norte acumulou o maior ganho (14,3%), seguido pelo Maranhão, com 9,8%; Pernambuco, com 7,5%; Piauí, com 6,9%; e, Ceará, com 0,3%.

Inversamente, a Bahia foi o estado que cedeu mais participação (-10,0%), seguida por Sergipe, com -2,8%; Paraíba, com -1,7%; Alagoas, com -0,3%.

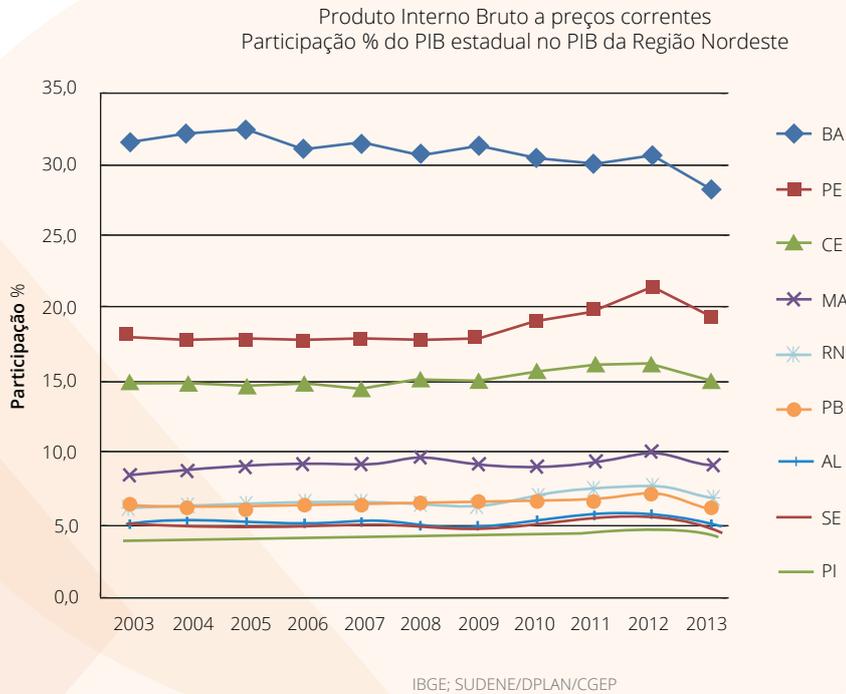
A alteração na estrutura de produção ao longo do período analisado pode ser visualizada a seguir.

Variação % da participação % do PIB estadual no PIB da Região Nordeste - 2003/2013



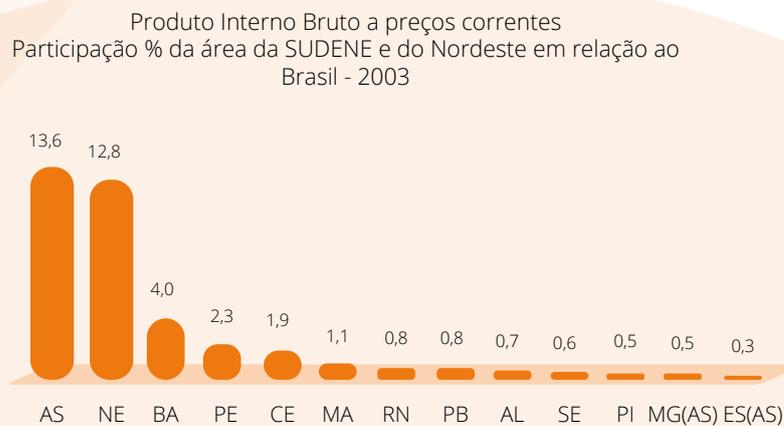
IBGE; SUDENE/DPLAN/CGEP

O gráfico a seguir retrata esse processo de convergência, permitindo identificar uma inflexão em 2012 que, em se mantendo, poderá alterar substancialmente o quadro atual.



## BRASIL

A importância relativa atribuída às três principais economias quando no contexto regional, perde o sentido quando comparadas com a economia nacional. Em conjunto, Bahia, Pernambuco e Ceará respondem por pouco mais de 8% da produção nacional.





A produção regional nordestina em 2013, equivalente a 13,6% da produção nacional, foi realizada num espaço geográfico de mais de 1,5 milhões de km<sup>2</sup>, ou cerca de 18% do espaço nacional, onde reside quase 1/3 da população brasileira (28%).

Produto Interno Bruto a preços correntes  
Participação % da área da SUDENE e do Nordeste em relação ao Brasil - 2013

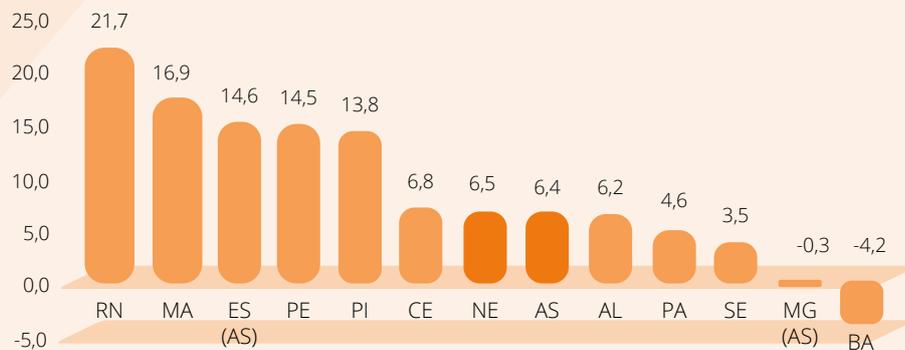


IBGE; SUDENE/DPLAN/CGEP

O comportamento de reestruturação das economias da região verifica-se, obviamente, também em relação ao Brasil.

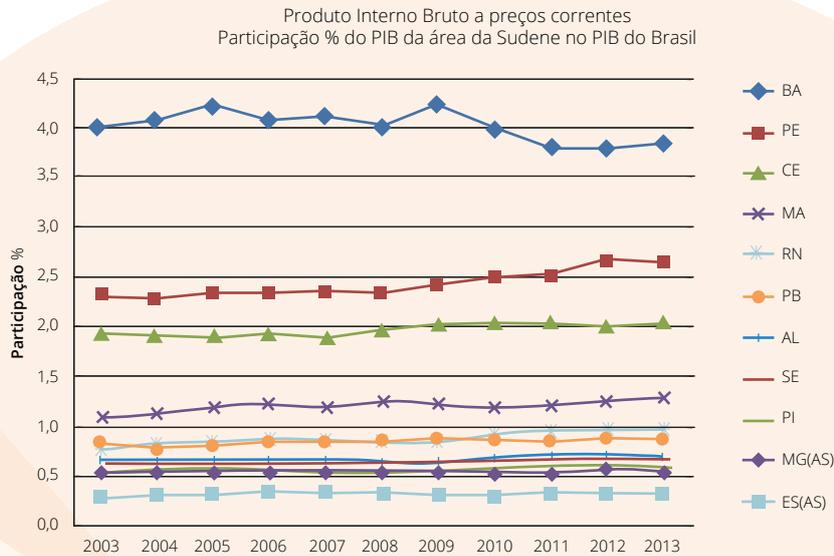
A mudança na estrutura de produção ao longo do período de análise foi a seguinte:

Variação % da participação % do PIB da área da SUDENE do NORDESTE e dos estados no PIB do Brasil - 2003/2013



IBGE; SUDENE/DPLAN/CGEP

O gráfico a seguir retrata esse processo de convergência regional.



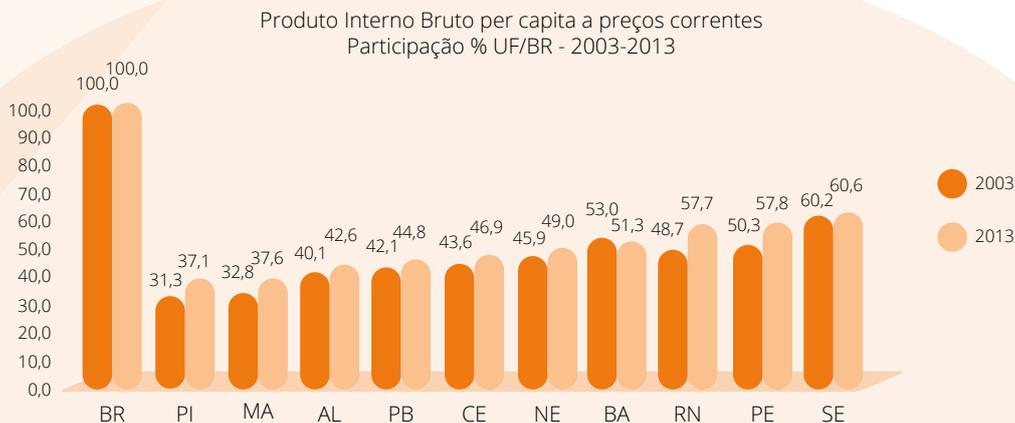
IBGE; SUDENE/DPLAN/CGEP

## PRODUTO INTERNO BRUTO *PER CAPITA*

Em 2013, o maior PIB per capita do Nordeste é o de Sergipe, equivalente a 123,7% da média regional, e o menor, o do Piauí, representando 31,3%. Os menores produtos per capita da Região, Piauí e Maranhão, são também os menores do país.

Entretanto, cabe destacar que se está comparando economias pertencentes a uma região cujo valor da produção por habitante é equivalente a menos da metade do nacional (48,9%).

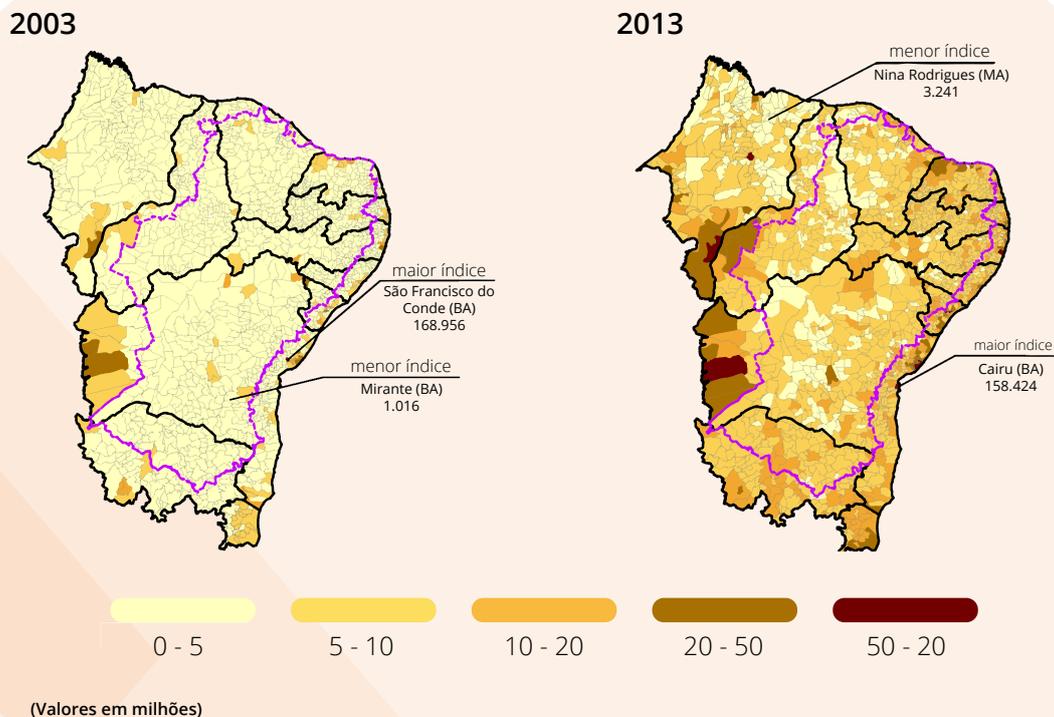
Assim, o PIB per capita de Sergipe, o maior na comparação regional, equivale a somente 60,6% da média nacional e o do Piauí, o menor, a 31,3%.



IBGE; SUDENE/DPLAN/CGEP



Descendo ao nível municipal, identificamos que somente 158 municípios, ou 8,8%, detêm um valor da produção per capita acima da Região. E quando a comparação é nacional, somente 44 municípios nordestinos, ou 2,5%, ficam acima desse indicador.



IBGE - Contas regionais do Brasil: 2010-2013  
SUDENE/DPLAN/CGEP/2016.

## PERSPECTIVAS

Segundo o documento Financiamento do Investimento em Infraestrutura, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), investe-se, há mais de duas décadas no Brasil, pouco mais de 2% do produto interno bruto (PIB) em infraestrutura. O setor público é responsável por cerca de metade desse montante.

Além disso, de acordo com o Banco Mundial, para compensar a depreciação do capital fixo per capita, o Brasil deveria investir no mínimo 3% do PIB para manter esse estoque de capital. Já para se aproximar dos seus pares, o país deveria investir adicionalmente algo em torno de 2% a 4% do PIB e por ao menos duas décadas.

Quanto à indústria geral, dados da Produção Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), do IBGE, o país acumulou um crescimento de 13,9% no primeiro semestre de 2016. Um alento considerando que em 10 dos 12 meses de 2015 houve queda. Somente em dois meses, a perda foi de 12,5%.

O nível de produção de bens de capital (máquinas e equipamentos) fechou o primeiro semestre de 2016 em 41,3% abaixo do nível atingido em 2013. Nos doze meses terminados em junho de 2016, a produção de bens de capital registrou uma queda de 26,9% em relação aos doze meses imediatamente anteriores.



Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), no primeiro semestre de 2016 em relação ao mesmo período do ano anterior, a receita líquida do setor caiu 29,3%; a receita do mercado interno, -46,3%; e, o consumo, -25,4%.

A entidade ainda ressalta as altas taxas de ociosidade verificadas em todos os setores da indústria de transformação que retardariam mais ainda a decisão de investir das empresas.

De acordo com a Sondagem Conjuntural da Indústria, da FGV, em julho de 2016, o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação estava em 74,3%. Dentro desta, 66% na indústria de máquinas e equipamentos, 67,4% na indústria de bens de capital como um todo, e 67% na indústria de bens duráveis.

Enfim, as previsões otimistas de retomada da economia são ainda fruto muito mais de expectativa do que de uma realidade.



ODNE

**Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste**

Marcelo José Almeida das Neves

**Diretoria de Planejamento e Articulação de Políticas**

Alexandre Henrique de Gusmão Gonçalves

**Coordenação Geral de Estudos e Pesquisas, Avaliação, Tecnologia e Inovação**

Frederico Augusto de Araújo Cavalcanti

**Coordenação de Estudos, Pesquisas, Tecnologia e Inovação**

Albertina de Souza Leão Pereira

**Equipe Técnica**José Luís Alonso da Silva (**Responsável**)

Ludmilla de Oliveira Calado

Robson José Alves Brandão

**Estagiários**Gabriel Fernando Cândido da Silva (**Economia**)**Editoração - Assessoria de Comunicação Social**

Agnelo Câmara de Mesquita Júnior

Camila Maria de Lima Araújo (**Estagiária**)